

---

**A oikonomia como referencial para as organizações econômicas que buscam agir eticamente**

Flavia Regina Panazzolo Maciel<sup>1</sup>  
Maurício Custódio Serafim<sup>2</sup>

**Resumo:**

Este trabalho procura transcorrer sobre um pequeno capítulo do livro "A Política" intitulado "Da Propriedade e dos Meios de Adquiri-la" do pensador grego Aristóteles e tirar lições importantes para o entendimento da relação entre ética e economia, bem como em seus desdobramentos nas organizações econômicas. O ponto fundamental é a diferenciação entre duas lógicas diferentes e inconciliáveis de duas esferas da atividade humana: a economia (*oikonomia*) e a crematística. Dessa diferenciação se extrai a hipótese de que a ética nos espaços econômicos faz sentido apenas se considerarmos como critério a *oikonomia*. Para chegarmos a esta conclusão tomamos por base os argumentos de Sen (1999), sobre a reaproximação da ética com a economia, bem como os argumentos de Dierksmeier e Pirson (2009), os quais delineiam aspectos que permitem a construção de um modelo de negócios organizacionais baseados na *oikonomia*.

**Palavras-chave:** Aristóteles, ética, *oikonomia*.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Administração - CPGA/UFSC. E-mail: [flavia.maciel@hotmail.com](mailto:flavia.maciel@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Administração de Empresas - Fundação Getulio Vargas - SP, FGV-SP, Brasil. Professor adjunto Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Brasil. E-mail: [serafim.esag@gmail.com](mailto:serafim.esag@gmail.com).

## 1. Economia em Aristóteles

Há um capítulo escrito por Aristóteles (2000) em seu livro “A Política” intitulado “Da Propriedade e dos Meios de Adquiri-la” que faz uma discussão econômica e que, sabe-se, Karl Marx foi um de seus apreciadores. É interessante notar que o autor fala de economia num livro de política. Começa dividindo a “arte de adquirir bens” em duas categorias: a economia e a crematística. A palavra economia vem da junção de duas palavras de origem grega: *oikos*, que significa casa, espaço doméstico, e *nomos*, que significa norma, lei, regra. Assim, *oikonomia* é a ciência ou a arte do governo doméstico, cujo propósito é a de obter bens que a família precisa para organizar a casa, a propriedade. É a forma *natural* de adquirir as coisas necessárias e úteis para sustentar a vida humana. A riqueza é vista como um meio, um importante instrumento cujo fim último é a vida.

Neste sentido, tal organização dos bens (o que adquirir) e dos meios (como adquirir) é primordial para a felicidade (*eudaimonia*), experimentada apenas por aqueles que se preocupam em “bem viver” e não apenas em “viver”. Para Aristóteles, o ser humano deve ser feliz como ser humano, que consiste na confluência entre a realização das habilidades individuais e as atividades que permitem o desenvolvimento de tais habilidades, num contexto social propício a essa possibilidade. Em outras palavras, felicidade é o sentir o aprimoramento de nossas qualidades, é a excelência experimentada.

Dito isso, o autor explica os dois usos que cada coisa possui: um, conforme sua destinação e, outro, desviado para algum outro fim. Dá o exemplo do sapato, cujo uso próprio é a de calçar. Os sapatos, diz Aristóteles, não foi inventado para o comércio a fim de ser trocado, mas poderá fazê-lo sem que, com isso, mude sua natureza. Enfatiza que quando tais relações comerciais forem do gênero mercadoria (sapato) – moeda (dinheiro) – mercadoria (algo de que se precise, por exemplo, trigo), não constitui um problema para a comunidade, pois é um modo engenhoso de satisfazer as respectivas necessidades. É importante notar que os extremos desta forma de relação comercial são qualitativamente diferentes. Troca-se sapatos por trigo, ou seja, se realiza uma venda para que se possa comprar algo diferente do que se vendeu. Assim, de acordo com uma observação de Marx, há uma finalidade, situada fora desta operação, que dá uma *medida* e um *objetivo* claro: a satisfação de determinadas necessidades (consumo). Dessa maneira, é possível o pulo da esfera onde há o movimento das trocas para a esfera do consumo.

Aristóteles observa ainda que a troca – ou seja, o contrato baseado na igualdade, uma permuta entre dois valores iguais – não era necessária na sociedade primitiva das famílias, onde tudo era comum. Tornou-se necessária apenas nas grandes sociedades e após a separação das propriedades. E com o aumento da complexidade do comércio se inventou a moeda, um facilitador das trocas. Até aqui estamos no âmbito da economia (*oikonomia*).

Entretanto, com o passar do tempo, notou-se que o dinheiro poderia servir para o enriquecimento por meio da acumulação de si mesmo. Há duas maneiras análogas e alternativas para isso: uma, comprar as coisas para revendê-las (Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro incrementado); outra, emprestar, e após o prazo pré-estipulado, ter o dinheiro devolvido com juros (Dinheiro – Dinheiro incrementado). A única diferença entre esses dois modos é que no primeiro há um intermediário, enquanto no segundo é um aumento imediato. Nota-se que os dois extremos dessa operação, tanto o começo quanto o fim, são os mesmos: dinheiro. Por serem da mesma natureza, os extremos se diferenciam apenas quantitativamente, isto é, nesta operação há um acréscimo de dinheiro, sem mudar sua qualidade.

Diz ainda Aristóteles que a motivação de multiplicar o dinheiro ao infinito é fruto de uma paixão que não tem limites e que não refreia de modo algum a escolha dos meios. Essa forma mercantil de adquirir bens, visando o acúmulo da moeda, cuja paixão motivadora é a avareza, Aristóteles denominou de crematística (*cremato* = dinheiro). Diferencia-se da economia por ser um gênero de riqueza especulativo e produto da convenção e, portanto, *artificial*. Na crematística, a riqueza está diretamente relacionada à quantidade de dinheiro, uma concepção totalmente absurda para Aristóteles, que afirma:

[...] o dinheiro é somente uma ficção e todo seu valor é o que a lei lhe dá. Mudando a opinião dos que fazem uso dele, não terá mais nenhuma utilidade e não proporcionará mais a menor das coisas necessárias à vida [...] Ora, é absurdo chamar ‘riquezas’ um metal cuja abundância não impede de se morrer de fome. (ARISTÓTELES, 2000, p.24).

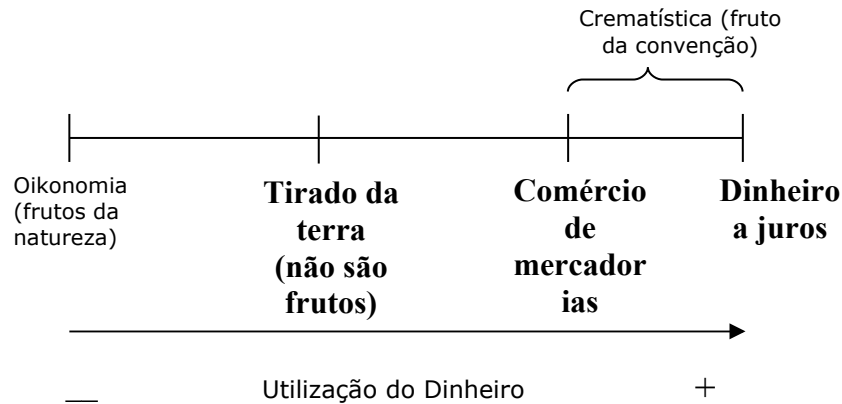
E, para ilustrar, conta a fábula de Midas que, por ser um rei avarento, os deuses lhe deram um castigo: tudo o que tocasse viraria ouro. Midas, no primeiro momento, agradeceu aos céus por tamanha gentileza, mas depois de algum tempo, morreu de fome e de sede por não poder comer e nem tomar seu ouro. Morreu em meio à riqueza. E isso leva a uma conclusão: nem toda riqueza é boa.

Aristóteles deixa bem clara essa diferenciação. Riqueza boa é aquela útil e necessária à comunidade e à vida, enquanto a riqueza má é aquela que existe para gerar mais dinheiro, mais acumulação de moeda. A primeira está na esfera da economia, cujo fim último é o “bem viver” e, portanto, possui limites nitidamente determinados. A segunda pertence à esfera da crematística, cujo fim não tem um limite estabelecido, pois não há um “ponto ótimo” no qual as pessoas se satisfazem com determinada quantia de dinheiro, pois nesta esfera prevalece a frase de Sólon (legislador e poeta, arconte em Atenas em 594/593 a.C.), “o homem quer acumular sem fim e sem medida” (p. 22). E não é apenas no comércio que se dá a crematística. Aristóteles atenta para aqueles que convertem suas qualidades superiores e suas faculdades em meios de obter esta riqueza, subordinando tudo a essa meta. Contesta dizendo que “a coragem não foi dada ao homem pela natureza para acumular bens, mas para proporcionar tranquilidade” (p. 26).

Nesta contraposição entre a economia – forma natural de aquisição –, e crematística – forma artificial de aquisição – afirma que a primeira é indispensável, enquanto a segunda merece censura por vir da convenção, fruto dos homens e, portanto, imperfeito. Já a natureza “nada fez de imperfeito, nem de inútil; ela fez tudo para nós”. Dessa forma, “as verdadeiras riquezas são as da natureza; apenas elas são objeto da ciência econômica” (p. 25). E coloca toda sua indignação em relação à crematística quando escreve, “o que há de mais odioso do que o tráfico de dinheiro, que consiste em dar para ter mais e com isso desvia a moeda de sua destinação primitiva? Ela foi inventada para facilitar as trocas; a usura, pelo contrário, faz com que o dinheiro sirva para aumentar-se a si mesmo” (p. 28). Não é de se estranhar que a palavra grega *tókos* significa ao mesmo tempo prole, descendência e juros. Ou seja, juros são a “descendência” do dinheiro. E continua afirmando que “neste caso, é a moeda que torna a trazer a moeda, gênero de ganho totalmente contrário à natureza” (p. 28).

Ao falar de coisas que se tira da terra, mas que não são frutos e têm sua utilidade, como a exploração da madeira e das minas, Aristóteles dá a seguinte pista: a esfera que engloba a *oikonomia* e a crematística são como elementos de um espectro, e não como elementos ontologicamente antagônicos, ou seja, “uma quarta maneira, que fica entre a terceira e a primeira (pois é em parte natural, em parte comercial)” (p. 29).

Esquemáticamente, podemos ter:



Essa diferenciação entre o natural e o convencional feita por Aristóteles é oriunda da diferenciação da filosofia grega entre *physis* e *nous*, e na crença de que a vida tende naturalmente a se aperfeiçoar. Aristóteles ensinava que a atividade é um movimento do ser em direção à própria *enteléquia*: seu estado de perfeição. A crematística – por não ser uma forma de aquisição natural – faz com que os seres humanos dispostos a se envolverem nesta esfera nunca consigam sua autorrealização, ou seja, realizar suas potencialidades em direção à perfeição. Estarão presos num regime (modo de viver, de exercer uma atividade) contrário ao necessário para o “bem viver”, borrando as fronteiras entre o que se *pode* fazer e o que se *deve* fazer. É uma negação da vida, de sua dinâmica, uma sobreposição da lucidez, com vistas a alimentar paixões cujas satisfações efêmeras estão interligadas a um único produto do ser humano: o dinheiro.

Quanto à economia, esta é vista como natural – e, portanto, a mais perfeita forma de aquisição – por ser um sistema de apoio que permite ao ser humano sua busca de autorrealização. É apenas esta forma que dará a possibilidade de se transpor do reino da necessidade para o reino da liberdade, sendo um meio, ou seja, um instrumento que arquiteta e organiza as vias materiais imprescindíveis a este salto. O ser humano, enquanto participe desta esfera, não é um ser livre. Estará capacitado apenas a se comportar conforme as regras e normas estabelecidas pelo processo de produção. Há uma *conformação* de algo mais complexo (o ser humano) a algo bem menos complexo (produção de bens materiais e imateriais). Contudo, sem tal sistema, não há como se tornar livre das necessidades. A questão está, portanto, na delimitação desta esfera no delineamento da vida humana, tanto individual quanto social (RAMOS, 1989).

A crematística – tomada como outra esfera – não permite o salto necessidade => liberdade. Ela, por meio de suas motivações e pela característica de possuir os extremos de mesma natureza (Dinheiro – Mercadoria – Mais Dinheiro), possui a finalidade em si mesma, pois para o incremento do dinheiro é mister que este movimento seja continuamente renovado. Dessa forma, subjuga totalmente o indivíduo – como numa espiral descendente que não encontra o seu fim – não lhe permitindo a possibilidade de libertação. A crematística iria fazer da sociedade humana um grupo de inimigos, mais do que um grupo de amigos. (AKTOUF, 2004)

Hoje, o que predominantemente chamamos de “economia” é o que Aristóteles chamou de crematística. E se ele estiver certo, somos, por isso, uma sociedade infeliz, que compele o indivíduo a ser um ente do mercado, um elemento da esfera crematística cujo protagonista não

é si próprio e nem sua autorrealização, mas uma de suas criações. De facilitador de trocas, o dinheiro passou a ser determinante do destino da comunidade.

## 2. Economia e a ética hoje

A distinção entre *crematística* e *oikonomia* parece ser fundamental para o entendimento das questões contemporâneas de economia e negócios, sendo essencial também para uma maior reflexão referente aos dilemas contemporâneos no campo da ética empresarial. Neste tópico serão tratados alguns aspectos sobre economia e ética a fim de compreender melhor tais questões contemporâneas. Como base para essa discussão é utilizado a obra do professor Amartya Sen “Sobre ética e economia” o qual vai além de uma síntese concisa da literatura nos campos da ética e da economia.

Sen afirma que a economia e a ética se distanciaram gravemente, gerando uma das principais deficiências da teoria econômica contemporânea. Segundo o autor, “a natureza da economia moderna foi substancialmente empobrecida pelo distanciamento crescente entre economia e ética” (SEN, 1999, p. 23).

Para o economista indiano, a economia e a ética estavam interligadas, desde Aristóteles, por duas importantes questões de fundo: o problema da motivação humana (como devemos viver?) e a avaliação das conquistas sociais. Contudo, a outra origem da ciência econômica, o que Sen chama de “abordagem de engenharia”, tem predominado, possibilitando o abandono da ética. Essa última abordagem se caracteriza por se ocupar de questões logísticas em vez de fins supremos e de questões como o que pode promover o “bem para o homem” ou “como devemos viver” ou, ainda, o “bem viver” de Aristóteles mencionado anteriormente.

As questões profundas suscitadas pela concepção de motivação e realização social relacionada à ética precisam, na opinião de Sen, encontrar um lugar de importância na economia moderna mas, ao mesmo tempo, é impossível negar que a abordagem da engenharia também tem muito a oferecer à economia. Nenhum dos gêneros é puro em sentido algum; é uma questão de equilíbrio das duas abordagens da economia. Entretanto, a importância da abordagem ética diminuiu substancialmente com a evolução da economia moderna.

O autor não afirma que a abordagem “engenheira” da economia não foi proveitosa. Houve contribuições significativas que foram possíveis apesar do descaso pela abordagem ética, uma vez que existem importantes questões logísticas na economia que realmente requerem atenção e que podem ser tratadas com eficácia, até certo ponto, mesmo dentro do formato limitado de uma visão não ética estreitamente deduzida da motivação e do comportamento humano.

Embora Sen critique a economia como ela se apresenta hoje, ele não acredita que a literatura ética tenha lidado adequadamente com os problemas levantados. Uma característica surpreendente, para ele, é o contraste entre o caráter conscientemente “não ético” da economia moderna e sua evolução histórica, em grande medida, como um ramo da ética. Assim, a questão não é meramente incorporar as lições da literatura ética à economia. O autor sugere que algumas considerações éticas podem ser proveitosamente analisadas mais a fundo usando várias abordagens e procedimentos hoje empregados em economia. Desta forma, tal domínio o tem levado a insistir na reaproximação entre ética e economia.

A discussão de Sen se fundamenta na concepção de que a economia, do modo como emergiu, pode se tornar mais produtiva se der uma atenção maior e mais explícita às considerações éticas que moldam o comportamento e o juízo humano. Uma aproximação maior entre ética e economia pode ser benéfica tanto para a economia quanto para a ética. Muitos problemas éticos apresentam aspectos “de engenharia”, e alguns deles, na verdade, encerram rela-

ções econômicas. Mesmo a análise de Aristóteles sobre o “bem para o homem” incluiu várias questões de administração econômica, com correspondentes demandas sobre a engenharia econômica. Entretanto, a tradição em economia de salientar e investigar questões logísticas de interdependência e interconexão tem certa relevância metodológica para argumentos éticos. Em suma, as questões econômicas não são apenas questões de praticidade e eficiência, de valor e intenções generosas, mas também de moralidade e justiça, de lógica fria e exequibilidade. Se a economia desligada da ética é cega, a ética desligada da economia é vazia.

Ainda de acordo com o autor, o valor essencial que orienta a economia normativa e a ética é a realização dos interesses racionais das pessoas, ou seja, o bem humano. Algumas indagações a respeito desses interesses racionais guiam a teoria ética mais sistematicamente desde Aristóteles. Mas muitas dessas questões se perderam na economia, quando o bem deixou de incluir uma pluralidade de aspectos valiosos da vida humana, como satisfações, direitos, liberdades, oportunidades reais etc., e foi interpretado como bem-estar. E, adicionalmente, com a redução do bem-estar a utilidades, a origem “ética” da economia desapareceu. Para o autor, o comportamento dos seres humanos é afetado por considerações éticas, ou seja, as concepções da economia do bem-estar têm algum impacto sobre o comportamento real. Assim, a economia do bem-estar pode ser enriquecida se der mais atenção à ética e de que modo o estudo da ética pode beneficiar-se de um contato mais estreito com a economia.

Sen procurou demonstrar que a economia do bem-estar pode ser substancialmente enriquecida atentando-se mais para a ética, e que o estudo da ética também pode beneficiar-se de um contato mais estreito com a economia. Também demonstrou que pode ser vantajoso até mesmo para a economia preditiva e descritiva abrir mais espaço para considerações da economia do bem-estar na determinação do comportamento.

### **3. A ética sob a luz da *oikonomia***

Poucos estudos relatam as tentativas de verificar quais as consequências que o pensamento de Aristóteles teria para a reorientação da filosofia empresarial e estratégia organizacional. A questão da economia e da crematística de Aristóteles também não é tratada entre os tópicos mais abordados pelos estudiosos de sua obra, há uma escassez bibliográfica, uma vez que as referências sobre esse tema não são numerosas. Entretanto, pode ser de grande valia fazer uma reflexão acerca do pensamento aristotélico sobre a economia.

Acima se constatou que a economia segundo Aristóteles não corresponde, de nenhum modo, ao que chamamos hoje de economia, mesmo assim, encontramos no filósofo desenvolvimentos acerca da realidade econômica no sentido contemporâneo. O que chamamos de “economia” Aristóteles chamava de crematística, assim pode-se dizer que a economia atual está sob os critérios da crematística, voltada a uma prática da acumulação da moeda pela moeda. Constatou-se também que o fato da economia ter se distanciado da ética empobreceu a economia do bem estar, enfraquecendo a base de boa parte da economia descritiva e preditiva. Com base nessas discussões podemos nos questionar: qual a importância da *oikonomia* nos espaços econômicos contemporâneos, sob o ponto de vista ético? Para responder a esse questionamento tomamos por base os argumentos já discutidos de Sen (1999), sobre a reaproximação da ética com a economia, uma vez que a economia pode se tornar mais produtiva se considerar a ética que molda o comportamento humano; tomamos por base também os argumentos de Dierksmeier e Pirson (2009), os quais delineiam aspectos que permitem a construção de um modelo de negócios organizacionais baseados na *oikonomia*.

De acordo com Dierksmeier e Pirson (2009) essa importância pode ser verificada, uma vez que a concepção de *chrematistike* e *oikonomia* abordada por Aristóteles fornece uma base para responder às questões levantadas pelo discurso corrente na criação de valor social e financeiro. A *oikonomia*, por mais simples que ela possa parecer, é necessária a qualquer sociedade. Diferente da crematística, que é movida exclusivamente pela busca da acumulação, a *oikonomia* trata da boa utilização dos bens.

A prática crematística consiste em colocar a perspectiva financeira, ou mais exatamente a procura da maximização da rentabilidade financeira (acumulação de numerário) antes de qualquer outra coisa (em detrimento das necessidades dos seres humanos e do ambiente). O protótipo dessa prática consiste em multiplicar, frenética e rapidamente, o dinheiro através do próprio dinheiro. De acordo com as características da crematística é de sua natureza recorrer a diversas estratégias de ação nocivas, como especulação financeira, degradação socioambiental etc, sem preocupação com as conseqüências (AKTOUF, 2004). Polanyi (1957) também segue a distinção aristotélica e assegura que em virtude das características da crematística devemos recuperar o significado substantivo da “economia”, pois somente o significado substantivo pode abarcar a idéia de economia em todas as sociedades. Desta forma, necessitamos de um bom viver aristotélico guiado pela *oikonomia* (economia substantiva) e não pela crematística (economia formal).

De acordo com Dierksmeier e Pirson (2009) empresas “*oikonomicas*” visam a criação do bem-estar geral e não a satisfação isolada de um grupo de interesse específico. De acordo com os autores, vários conceitos estratégicos foram desenvolvidos a fim de reorientar metas organizacionais predominantemente crematísticas para *oikonomia*. Como exemplo, os autores citam a gestão da sustentabilidade (a qual visa criar um equilíbrio de imperativos financeiros e ecológicos); o conceito do *triple bottom line* (o qual pretende alinhar incentivos econômicos, sociais e ecológicos para trazer um processo integrado de criação de valor); a gestão dos *stakeholders* (a qual defende uma abordagem equilibrada para a satisfação todos os grupos que são afetados e podem afetar o sucesso da organização, não apenas os acionistas); o *balanced scorecard* (o qual visa um equilíbrio entre os objetivos gerais de interesse: tais como a aprendizagem, finanças, qualidade do produto, etc.). Estas são abordagens direcionadas para a criação de riqueza sem, entretanto, visarem uma super maximização do ganho da lógica crematística.

Dierksmeier e Pirson (2009) delineiam aspectos que permitem a construção de um modelo de negócios organizacionais baseados na *oikonomia*. Em primeiro lugar, destacam que as empresas vinculadas à *oikonomia* integram a responsabilidade social não como um anexo, uma parte isolada da empresa, mas sim em todas as operações cotidianas. Em segundo lugar, as organizações da *oikonomia* são guiadas a fim de contribuir globalmente com o bem-estar social e, assim, procuram um equilíbrio de imperativos diferentes. Têm por objetivo se preocupar com todas as partes interessadas, bem como a sociedade em geral, ao invés de satisfazer apenas os interesses de um grupo em especial, como os acionistas, por exemplo. Terceiro, organizações da *oikonomia* precisam refletir sobre o equilíbrio na sua estrutura de governança. Atualmente, os investidores são tratados como os únicos representantes, entretanto, nas organizações da *oikonomia* há uma representação equitativa das partes interessadas o que inclui funcionários, clientes, fornecedores, bem como a sociedade em geral. Em quarto lugar, se encontra o papel da liderança como um fator decisivo. Em contraste com as organizações da crematística, a organização da *oikonomia* está ativamente interessada na criação de valor social. Líderes dessas organizações são motivados para servir a sociedade em geral por meio de seus trabalhos e, desta forma, desejam promover sua própria utilidade apenas dessa maneira. Em quinto lugar, as culturas da *oikonomia* e da crematística são

bastante distintas. A última depende do paradigma de maximização, são orientadas para a eficiência, delegação *top-down* que leva a processos lineares, além de culturas bastante mecanicistas. Já as organizações da *oikonomia*, ao contrário, têm base na reflexão discursiva, metas são definidas em diálogo com as partes interessadas, titulares e, juntamente com os funcionários da organização; a cultura, desta forma, caracteriza-se por ser aberta, orgânica, e muito dinâmica.

Desta forma, pode-se argumentar que os negócios reais da *oikonomia* são representados, muitas vezes, por organizações sem fins lucrativos. Entretanto, um modelo adequado para as empresas da *oikonomia* é verificar os seus esforços baseados na crematística, através de metas representadas pela *oikonomia*. Assim, as organizações vão fazer as duas coisas: criar riquezas e usá-las de forma moralmente aceitáveis. Uma vez que a idéia da *oikonomia* é gerar fundos necessários para se manter financeiramente sustentável e gerar um valor social direto.

Assim, ficou evidenciado neste ensaio de que necessitamos de uma forma diferenciada de pensar a economia, uma vez que ela está cada vez mais distante da ética. Aristóteles nos mostrava o caminho da *oikonomia* (economia substantiva) e não da crematística (economia formal). Baseados nessas idéias, Dierksmeier e Pirson (2009) delineiam aspectos que permitem a construção de um modelo de negócios organizacionais baseados na *oikonomia*. Assim, constatou-se que esse modelo pode ser sustentado em nossa sociedade contemporânea e que essa distinção entre *oikonomia* e crematística pode nos ajudar a compreender melhor a questão da ética nos espaços econômicos.

## Referências

AKTOUF, O. **Pós-globalização, administração e racionalidade econômica**: a síndrome do avestruz. São Paulo: Atlas, 2004.

ARISTÓTELES. **A Política**. Martins Fontes, 2000. p.19-31.

DIERKSMEIER, C.; PIRSON, M. **Oikonomia versus chrematistike**: learning from Aristotle about the future orientation of business management. *Journal of Business Ethics*, 2009, 88: 417–430.

POLANYI, K. The economy as instituted process. In: POLANYI, Karl, ARENSBERG, Conrad, PEARSON, Harry, **Trade and Market in the Early Empires**, The Free Press, New York, 1957.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações** – uma reconceituação da riqueza das nações. São Paulo: FGV, 1989.

SEN, A. K. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.